

ELSINORE

JEANETTE  
WINTERSON



FRANK  
ISSST  
EIN

*We may lose and we may win though we will never be here again.*

Eagles, «Take It Easy»

## **Lago de Genebra, 1816**

*A realidade é solúvel em água.*

Tudo o que estava à vista, as rochas, a margem, as árvores, os barcos no rio, tinha perdido a sua nitidez habitual e embaçava-se no longo cinzento de uma semana de chuva. Até a casa, que imaginávamos ser feita de pedra, tremeluzia numa névoa pesada e, através dessa névoa, por vezes, aparecia uma porta ou uma janela, como uma imagem num sonho.

Todas as coisas sólidas se tinham dissolvido no seu equivalente aquoso.

A nossa roupa não secava. Quando voltávamos para dentro, e tínhamos de entrar, porque tínhamos de sair, trazíamos a água connosco. Cabelal alagado. Lã que tresandava a ovelha.

Tenho bolor na roupa interior.

Esta manhã, ocorreu-me andar nua. De que serve a roupa molhada? Botões forrados tão inchados nas casas que ontem tiveram de me cortar o vestido para o poder despir?

Esta manhã tinha a cama tão molhada como se tivesse suado a noite toda. As janelas estavam embaciadas com a minha respiração. Quando a lareira estava acesa, a madeira silvava como um desalento da natureza. Deixei-te a dormir e descí em silêncio as escadas húmidas, molhando os pés.

Nua.

Abri a porta da entrada. A chuva continuava, constante e indiferente. Há sete dias que chovia, nem mais depressa, nem mais devagar, nem a aumentar, nem a diminuir. A terra não conseguia engolir mais e o chão estava esponjoso em todas as partes – os carreiros de cascalho suavam água, e várias nascentes haviam rebentado pelo jardim ordeiro, erodindo o solo, que se vinha depositar em poças densas e negras ao nosso portão.

Mas esta manhã fui para as traseiras da casa, subindo o monte, na esperança de que uma abertura entre as nuvens me permitisse ver o lago, mais abaixo.

Enquanto subia, pensei como seria para os nossos antepassados, sem fogo, muitas vezes sem abrigo, a deambular pela natureza, tão bela e farta, mas tão impiedosa nos seus efeitos. Pensei que, sem linguagem, ou antes da linguagem, a mente não se pode reconfortar a si mesma.

E, contudo, é a linguagem dos nossos pensamentos que nos tortura mais do que qualquer excesso ou privação da natureza.

Como seria – não, o que seria? Não há qualquer «como», qualquer similitude, nesta questão. O que seria, ser sem linguagem – não um animal, mas algo mais próximo de mim?

Aqui estou, na minha pele inadequada, arrepiada, a estremecer. Um espécime infeliz de criatura, sem o nariz de um cão, nem a velocidade de um cavalo, nem asas como as dos urubus cujos gritos ouço acima de mim, como almas penadas, nem escamas e nem sequer uma cauda de sereia para este tempo encharcado. Não estou tão equipada como aquele ratinho a desaparecer por uma frecha na rocha. Sou um espécime infeliz de criatura, mas sei pensar.

Em Londres, não estava tão satisfeita como estou aqui no Lago e nos Alpes, onde há solidão para a mente. Londres é perpétua; um presente em fluxo constante a correr para um futuro em fuga. Aqui, onde o tempo não é nem tão cheio nem tão escasso, parece-me que tudo pode acontecer, que tudo é possível.

O mundo está no início de uma coisa nova. Somos os espíritos formadores do nosso destino. E embora eu não seja uma inventora de máquinas, sou uma inventora de sonhos.

Mas gostava de ter um gato.

Agora estou num ponto mais alto do que o telhado da casa, com as chaminés a atravessarem o lençol da chuva constante como as orelhas de um animal gigante. Tenho a pele coberta de gotículas de água clara como se tivesse sido bordada a água. Há algo de elegante na minha nudez decorada. Os meus mamilos são como as tetas do deus da chuva. Os meus pelos púbicos, sempre grossos, juntos como um cardume escuro. A chuva aumenta, constante como uma cascata, e eu dentro dela. Tenho as pestanas encharcadas. Estou a esfregar os globos dos olhos com os punhos.

Shakespeare. Foi ele que inventou a expressão: *globo dos olhos*. Em que peça foi? *Globo dos olhos*?

*Nos olhos de Lisandro espreme esta erva;  
O seu sumo tem este virtuoso poder  
E aos globos de seus olhos devolverá a costumeira vista.*

É então que vejo. Acho que vejo. O que pareço estar a ver?

Uma figura, gigantesca, esfarrapada, a caminhar rapidamente por entre as rochas, acima de mim, a subir para longe de mim, de costas voltadas para mim, com movimentos certos, mas ao mesmo tempo hesitante, como um cão pequeno com patas demasiado grandes para o seu tamanho. Pensei em chamar alguém mas confesso que tive medo.

E depois a visão desapareceu.

Sem dúvida, pensei, se for algum viajante perdido, irá encontrar a nossa *villa*. Mas ele estava a subir na direção contrária, como se já tivesse encontrado a *villa* e seguido em frente.

Perturbada por ter visto a figura, e igualmente perturbada por tê-la imaginado, regressei à casa. Entrei silenciosa e discretamente por uma porta do lado, desta vez, e, estremeando de frio, subi a escada de caracol.

O meu marido estava no patamar. Aproximei-me dele, nua como Eva, e vi o homem que era a agitar-se sob a fralda da camisa.

Fui passear, disse.

Nua? disse ele.

Sim, disse.

Estendeu a mão e tocou-me no rosto.

*Qual é a substância de que és feito*

*Que alheias sombras aos milhões convocas?*

Estávamos todos à volta da lareira, nessa noite, e a sala era mais sombras do que luz, porque tínhamos poucas velas e não podíamos mandar buscar mais até o tempo melhorar.

Esta vida será um sonho sem nexos? Será o mundo exterior apenas uma sombra, e a substância aquilo que não conseguimos ver, nem tocar, nem ouvir, mas apreender?

Porque será, então, este sonho da vida tão tenebroso? Tão febril? Tão suado?

Ou será que não estamos nem vivos nem mortos?

Um ser que não está vivo nem morto.

Toda a minha vida temi esse estado, por isso me pareceu sempre melhor viver como consigo viver, e não temer a morte.

Por isso parti com ele aos 17 e estes dois anos têm sido a minha vida.

*No verão de 1814, os poetas Shelley e Byron, o médico de Byron, Polidori, Mary Shelley e a sua meia-irmã, Claire Clairmont, então amante de Byron, alugaram duas casas no Lago de Genebra, na Suíça. Byron desfrutou da elegante Villa Diodati, enquanto os Shelley alugaram uma casa mais pequena, bastante mais encantadora, um pouco mais abaixo, no mesmo monte.*

*A fama dos habitantes das duas casas era tal que um hotel na margem mais afastada do lago instalou um telescópio para os hóspedes poderem observar as aventuras dos supostos satanistas e sexualistas que partilhavam as mulheres entre si.*

*É verdade que Polidori estava apaixonado por Mary Shelley, mas ela recusava-se a dormir com ele. Byron poderia ter dormido com Percy Shelley, se Shelley tivesse tido essa disposição, mas não há indícios disso. Claire Clairmont teria dormido com qualquer pessoa – nesta ocasião, dormiu apenas com Byron. Estavam sempre todos juntos – e depois começou a chover.*

O meu marido adora o Byron. Todos os dias, levam o barco para o lago, para falar de poesia e liberdade, enquanto eu evito a Claire, que não é capaz de falar de nada. Tenho de evitar o Polidori, que está perdido de amores.

Mas depois veio a chuva, e estes dias alagados não permitem idas ao lago.

Pelo menos este tempo também não permite que nos observem da outra margem. Na vila, ouvi dizer que um hóspede avistara meia dúzia de saiotos a secar no terraço do Byron. Na verdade, o que viram foram lençóis. O Byron é um poeta, mas aprecia a higiene.

E agora estamos presos por inúmeros carcereiros, cada um deles com a forma de uma gota de água. Polidori trouxe uma rapariga da aldeia para se entreter, e nós fazemos o que podemos nas nossas camas húmidas, mas é preciso exercitar a mente, não só o corpo.

Nessa noite, estávamos sentados à volta da lareira sibilante a falar do sobrenatural.

O Shelley é fascinado por noites de luar e pela visão súbita de ruínas. Acredita que todos os edifícios têm uma marca do passado, como uma memória, ou memórias, e que estas podem ser libertadas, a seu tempo. Mas qual é o seu tempo? perguntei-lhe, e ele ponderou se o tempo em si dependeria daqueles que existem dentro do tempo. Se o tempo nos usa como veículos para o passado – sim,

deve ser assim, disse ele, visto que algumas pessoas conseguem falar com os mortos.

O Polidori não concorda. Os mortos partiram. Se temos almas, elas não regressam. O cadáver na laje não tem qualquer esperança de ressurreição – seja neste mundo ou no outro.

O Byron é ateu e não acredita na vida depois da morte. *Somos assombrados por nós mesmos*, diz ele, e isso é mais do que suficiente para qualquer homem.

A Claire não disse nada porque não tem nada a dizer.

O criado trouxe-nos vinho. É um alívio, um líquido que não seja água.

Somos como os afogados, disse o Shelley.

Bebemos o vinho. As sombras criam um mundo nas paredes.

Esta é a nossa Arca, disse eu, repleta de pessoas aqui, a flutuar, à espera que as águas desçam.

Do que imaginas que fariam as pessoas, na Arca, disse o Byron, ali fechadas com o fedor quente dos animais? Será que acreditavam que a terra inteira estava situada numa envoltória aquosa, como o feto no ventre?

O Polidori interrompeu, com entusiasmo (ele é muito dado a interrupções entusiastas). Na faculdade de Medicina tínhamos uma série de fetos desses, em várias fases da gestação, todos abortados; dedos das mãos e dos pés enrolados contra o inevitável, olhos fechados contra a luz que nunca veriam.

A luz vê-se – disse eu – a pele da mãe esticada sobre o bebé em crescimento deixa passar a luz. Eles voltam-se, alegres, para o sol.

O Shelley sorriu-me. Quando estava grávida do William, ele costumava ajoelhar-se, comigo sentada à beira da cama, e segurava-me a barriga nas mãos como um livro raro que nunca lera.

*Este é o mundo em pequeno*, disse. E naquela manhã, lembro-me tão bem, sentamo-nos juntos ao sol e senti o meu bebé dar pontapés de alegria.

Mas o Polidori é médico, não é mãe. Vê as coisas de outra forma.

O que ia dizer, disse ele, um pouco ressentido por ter sido interrompido (como costumam ficar as pessoas que interrompem

as outras), *o que eu ia dizer* era que, quer a alma exista quer não, o momento da consciência é misterioso. No ventre, onde fica a consciência?

Os rapazes adquirem a consciência mais cedo do que as raparigas, disse o Byron. Perguntei-lhe o que o levava a pensar isso. Ele respondeu, O princípio masculino é mais apto e ativo do que o princípio feminino. Observa-se isso mesmo na vida.

O que se observa é que os homens subjagam as mulheres, disse eu. Tenho uma filha, disse o Byron. Ela é dócil e passiva.

A Ada só tem seis meses de idade! E a última vez que a viste foi pouco depois de nascer. Que criança, seja rapaz ou rapariga, faz mais do que dormir e mamar, quando nasce? Isso não tem a ver com seu sexo; tem a ver com a sua biologia!

Ah, disse o Byron, achei que ela ia ser um belo rapaz. Já que tenho de produzir raparigas, espero pelo menos que ela faça um bom casamento.

Não há mais na vida para além do casamento? perguntei.

Para uma mulher? disse o Byron. Não, nada. Para o homem, o amor é, na sua vida, uma coisa à parte. Para a mulher, é toda a sua existência.

A minha mãe, Mary Wollstonecraft, não concordaria consigo, disse eu.

*E contudo, ela tentou matar-se por amor*, disse o Byron.

*Gilbert Imlay*. Um sedutor. Um oportunista. Um mercenário. Um homem de mente imprevisível e comportamento previsível (porque é que é tantas vezes assim?). A minha mãe a atirar-se de uma ponte em Londres, as saias a fazer de para-quedas para o seu corpo caindo. Ela não morreu. Não, não morreu.

Isso foi mais tarde. Ao dar-me à luz a mim.

O Shelley percebeu a minha dor e o meu desconforto. Quando li o livro da tua mãe, disse o Shelley, olhando para o Byron, e não para mim, ela convenceu-me.

Amei-o por isso – na altura e agora – a primeira vez que mo disse eu era uma rapariga de 16 anos, orgulhosa filha de Mary Wollstonecraft e William Godwin.

Mary Wollstonecraft: *Uma Vindicação dos Direitos da Mulher*. 1792.

A obra da tua mãe, disse o Shelley, com aquele seu jeito tímido e confiante, a obra da tua mãe é impressionante.

Quem me dera fazer também alguma coisa, disse eu, para ser digna da sua memória.

O que nos levará a desejar deixar uma marca? disse o Byron. Será apenas vaidade?

Não, disse eu, é esperança. Esperança de que um dia existirá uma sociedade humana que seja justa.

Isso nunca acontecerá, disse o Polidori. A não ser que todos os seres humanos sejam dizimados e se comece de novo.

Dizimar todos os seres humanos, disse o Byron; sim, porque não? E eis-nos de volta à nossa Arca flutuante. Deus é que tinha razão. Começar de novo.

Mas ele salvou oito, disse o Shelley, pois o mundo teria de ser povoado.

Somos uma pequena meia arca, aqui, não somos?, observou o Byron. Nós os quatro, no nosso mundo aquoso.

Cinco, disse a Claire.

Esqueci-me, disse o Byron.

Haverá uma revolução em Inglaterra, disse o Shelley, tal como houve na América e em França, e então poderemos realmente começar de novo.

E como poderemos evitar aquilo que vem a seguir à revolução? Fomos testemunhas, nas nossas próprias vidas, do problema francês. Primeiro o Terror, quando cada homem se torna espião do seu vizinho, e depois o Tirano. Napoleão Bonaparte – será ele preferível a um rei?

A Revolução Francesa não deu nada ao povo, disse Shelley – e por isso o povo procura um homem forte que afirma poder dar-lhes aquilo que lhes falta. Ninguém pode ser livre se não for primeiro alimentado.

Acreditas que se cada pessoa tiver dinheiro suficiente, trabalho suficiente, lazer suficiente, educação suficiente, que se ninguém for oprimido pelos que estão acima de si, nem temer os que estão abaixo de si, a humanidade poderia ser melhor? O Byron fez a pergunta no seu tom de voz arrastado e negativo, seguro da resposta, por isso dispus-me a contrariá-lo.

Acredito! disse.

Eu não acredito! disse o Byron. A raça humana busca a sua própria destruição. Corremos em direção àquilo que mais tememos.

Abanei a cabeça. Estava em terra firme, agora, nesta nossa arca. Disse, São os homens que buscam a morte. Se um só de vocês carregasse uma vida humana no ventre durante nove meses, só para ver essa criança morrer em bebé, ou na primeira infância, ou de fome, ou por doença, ou, mais tarde, numa guerra, não buscariam a morte como o fazem.

*Mas a morte é heróica*, disse o Byron. *E a vida não.*

Ouvi dizer, interrompeu Polidori, ouvi *dizer*, que alguns de nós não morrem, mas vivem, vida após vida, no sangue dos outros. Recentemente, foi aberta uma campa, na Albânia, e o cadáver, embora tivesse 100 anos, sim, 100 anos (fez uma pausa para nos espantarmos), estava perfeitamente conservado, com sangue fresco à vista, na boca.

Escreve essa história, pode ser? disse o Byron. Levantou-se e serviu-se de vinho, do jarro. Coxeia mais com a humidade. Tinha o rosto animado. Sim, tenho uma ideia: já que estamos aqui presos, como os da Arca, então que cada um de nós registre uma história do sobrenatural. A tua, Polidori, será a dos Mortos-vivos. Shelley! Tu acreditas em fantasmas...

O meu marido acenou com a cabeça – Já vi alguns, claro, mas o que será mais assustador? Ser visitado pelos mortos, ou pelos mortos-vivos?

Mary? Que dizes? (O Byron sorriu-me.)

*Que digo?*

Mas os senhores estavam a servir-se de mais vinho.

*Que digo? (A mim mesma digo...)* Nunca conheci a minha mãe. Ela morreu quando eu nasci e a perda foi tão completa que não cheguei a senti-la. Não foi uma perda exterior a mim – como sucede quando perdemos alguém que conhecemos. Nesse caso, existem duas pessoas. Uma que somos nós e outra que não somos nós. Mas, no parto, não existe eu/não-eu. A perda estava dentro de mim, tal como eu estive dentro dela. Perdi parte de mim.

O meu pai fez o melhor que podia para cuidar de mim em criança, órfã de mãe que era, e fê-lo regalando a minha mente com tudo aquilo que não era capaz de dar ao meu coração. Ele não é um homem frio; é um homem.

A minha mãe, por mais brilhante que fosse, era a chama do coração dele. A minha mãe era o lugar onde ele se refugiava para se aquecer. Ela nunca pôs de parte a paixão e a compaixão que são naturais à mulher – e ele disse-me que, muitas vezes, quando estava cansado do mundo, os braços dela a envolvê-lo eram melhor do que qualquer livro alguma vez escrito. E acredito nisso com o fervor com que acredito nos livros ainda por escrever, e recuso que tenha de escolher entre a mente e o coração.

O meu marido é desse feitio. O Byron é da opinião de que a mulher nasce do homem – da sua costela, do seu barro – e eu acho isso peculiar num homem tão inteligente. Disse, é estranho, não é, que aproves a história da criação que lemos na Bíblia quando não acreditas em Deus? Ele sorri e encolhe os ombros, explicando – É uma metáfora para distinguirmos entre homens e mulheres. Volta-se, partindo do princípio de que eu compreendi e que a questão está encerrada, mas eu continuo, chamando-o de volta quando ele se afasta, a coxear, como um deus grego. Não poderemos consultar aqui o Dr. Polidori que, enquanto médico, deve saber que desde a história da criação não houve ainda um homem vivo que desse à luz qualquer ser vivo. São vocês, senhor, que provêm de nós, senhor.

Os cavalheiros riem de mim, condescendentes. Respeitam-me, até certo ponto, mas chegaram a esse ponto.

*Estamos a falar do princípio animador*, diz o Byron, num tom lento e paciente, como se estivesse a falar com uma criança. Não do solo, não da terra, nem do vaso; da centelha da vida. A centelha da vida é masculina.

De acordo!, diz o Polidori, e é claro que quando dois cavalheiros estão de acordo isso deve ser o suficiente para pôr fim à questão de qualquer mulher.

Mas gostava de ter um gato.

*Vermicelli*, disse o Shelley, mais tarde, na cama comigo. Os homens deram vida a um pedaço de *vermicelli*. Tens inveja?

Estava a acariciar-lhe os braços longos e esguios, com as minhas pernas por cima das suas pernas longas e esguias. Ele estava a falar do Dr. Darwin, que parece ter visto um sinal de movimento voluntário num pedaço de *vermicelli*.

Agora estás a gozar comigo, disse eu – e logo tu, um bípode bifurcado a exibir certos sinais de movimento involuntário na junção do tronco com a bifurcação.

O que é? disse ele, baixinho, enquanto me beijava o cabelo. Conheço-lhe a voz, quando quebra assim.

A tua pila, disse eu, a segurá-la enquanto ganhava vida.

Isto é mais sólido do que o galvanismo, disse ele. E gostava que ele não o tivesse dito, porque depois distraí-me, a pensar em Galvani e nos seus elétrodos e sapos saltadores.

Porque paraste? perguntou o meu marido.

Como se chamava? Aquele sobrinho de Galvani? No livro que tens em casa?

O Shelley suspirou. Mas é o mais paciente dos homens: *Um Relato dos recentes avanços do Galvanismo com uma série de experiências curiosas e interessantes levadas a cabo perante os Comissários do Instituto Nacional Francês e Repetidas Recentemente nos Teatros Anatômicos de Londres.*

*Ao qual acresce um apêndice, contendo as experiências do autor levadas a cabo no corpo de um malfeitor executado em Newgate... 1803.*

Esse mesmo, disse eu, regressando à minha tenacidade, embora o meu ardor se tivesse transportado para cima, para o cérebro.

Com um movimento suave, o Shelley deitou-me de costas e entrou em mim, suavemente; um prazer que não desencorajei.

Temos aqui toda a vida humana, disse ele, para fazermos o que nos aprouver dos nossos corpos e do nosso amor. Para que queremos saber de rãs e *vermicelli*? Para que queremos saber de cadáveres, com os seus esgares e tremores, e de correntes elétricas?

Não diziam, no livro, que ele abriu os olhos? O criminoso?

O meu marido fechou os olhos. Em tensão, disparou para dentro de mim as suas meias-palavras, as quais foram ao encontro das minhas meias-palavras, e voltei a cabeça para olhar pela janela e ver a lua pendente, como um candeeiro, num breve céu claro.

*Qual é a substância de que és feito*

*Que alheias sombras aos milhões convocas?*

Soneto 54, disse o Shelley.

Soneto 53, disse eu.

Estava exausto. Ficámos deitados, a olhar pela janela, juntos, para as nuvens deslizantes que trespassavam a lua.

*E em forma abençoada só te vemos.*

O corpo do amante impresso no mundo. O mundo impresso no corpo do amante.

Do outro lado da parede vinha o som de Lord Byron a trespassar Claire Clairmont.

Que noite de estrelas e luar. A chuva tinha-nos deixado à míngua de tais visões, que pareciam agora ainda mais maravilhosas. A luz caiu no rosto do Shelley. Que pálido que ele é!

Disse-lhe, Acreditas em Fantasmas? De verdade?

Acredito, disse ele, pois como pode o corpo ser mestre do espírito? A nossa coragem, o nosso heroísmo, sim, até os nossos ódios,

tudo o que fazemos dá forma ao mundo – será isso o corpo ou o espírito? O espírito.

Pensei nisto e respondi, Se um ser humano conseguisse alguma vez reanimar um corpo, através do galvanismo ou de qualquer método ainda por descobrir, o espírito regressaria?

Não acredito, disse o Shelley. O corpo falha e decai. Mas o corpo não é a verdade do que somos. O espírito não regressa a uma casa arruinada.

Como te poderia eu amar, meu rapaz bem-amado, se não tivesses corpo?

É o meu corpo que amas?

E como lhe posso contar que fico a olhar para ele enquanto dor-me, enquanto a sua mente está calada e os seus lábios em silêncio, e que o beijo pelo seu corpo que amo?

Não te posso dividir, disse.

Envolveu-me nos seus braços longos e embalou-me, na nossa cama húmida. Ele disse, Se pudesse, quando me falhar o corpo, depositaria a minha mente numa pedra ou num riacho ou numa nuvem. A minha mente é imortal – sinto que é.

Os teus poemas, disse. Eles são imortais.

Talvez, disse ele. Mas há algo mais. Como posso morrer? É impossível. E, contudo, hei de morrer.

Como está quente, nos meus braços. Como está longe da morte.

Já pensaste numa história? disse ele.

Eu disse, Nada vem quando é chamado e falta-me o poder da imaginação.

Os mortos ou os mortos-vivos?, disse ele. Uma fantasma ou um vampiro; qual vais escolher?

Qual te assustaria mais?

Ficou a pensar na questão, por um momento, voltando-se para mim, apoiado no cotovelo, com o rosto tão próximo do meu que quase o poderia inspirar. Respondeu, Um fantasma, por mais terrível ou horrenda que fosse a sua aparência, por mais temível que fosse a sua fala, espantar-me-ia, mas não me aterrorizaria, pois esteve vivo,

outrora, tal como eu, e passou a espírito, como eu passarei, e a sua substância material deixou de existir. Mas um vampiro é uma coisa imunda, uma coisa que alimenta o seu corpo decadente com os corpos vivos dos outros. A sua carne é mais fria que a morte, e não tem piedade, apenas apetite.

Então, será um Morto-vivo, disse eu, e, enquanto ali fiquei deitada, com os olhos abertos de tanto pensar, ele adormeceu.

O nosso primeiro bebé morreu ao nascer. Frio e pequenino, segurei-o nos meus braços. Pouco depois sonhei que ele não estava morto, e que lhe esfregámos o corpo com *brandy* e o deitámos em frente à lareira e ele voltou à vida.

Era o seu corpinho que eu queria tocar. Teria dado o meu próprio sangue para lhe devolver a vida; ele tinha sido do meu sangue, um vampiro a alimentar-se, durante nove obscuros meses, no seu esconderijo. Os Mortos. Os Mortos-vivos. Oh, estou habituada à morte e detesto-a.

Levantei-me, demasiado inquieta para dormir e, depois de tapar o meu marido, enrolei-me num xaile e fui até à janela, onde fiquei a olhar para as sombras escuras dos montes e para o lago resplandecente.

Talvez no dia seguinte estivesse bom tempo.

O meu pai mandou-me para Dundee durante uns tempos, para viver com uma prima cuja companhia, esperava ele, me aliviaria da solidão. Mas tenho algo de faroleira, e não temo a solidão, nem a natureza no seu estado mais selvagem.

Descobri, nesses dias, que era mais feliz quando estava sozinha, fora de casa, a inventar histórias de todos os tipos, e o mais longe possível das minhas circunstâncias verdadeiras. Transformei-me a mim mesma numa escada ou alçapão para outros mundos. Tornei-me no meu próprio disfarce. Ver uma figura, ao longe, a percorrer o seu caminho, era o suficiente para fazer disparar a minha imaginação na direção de uma tragédia ou de um milagre.

Nunca me sentia entediada, a não ser na companhia de outros.

E em casa, o meu pai, que não queria saber o que era ou não apropriado para uma jovem órfã de mãe, deixava-me ficar sentada, sem falar nem ser vista, enquanto recebia os amigos, e falavam de política, de justiça, e de mais do que isso.

O poeta Coleridge era uma visita frequente lá de casa. Uma noite, leu em voz alta o seu novo poema, *A Balada do Velho Marinheiro*. Começa – como me lembro bem –

*É um velho marinheiro  
E aborda um desses três.  
Por tuas barbas grisalhas e pelo fulgor dos eus olhos,  
Diz porque é que me deténs.*

Agachei-me atrás do sofá, não mais que uma menina, deliciada a ouvir a história contada ao convidado do casamento e a criar, na minha mente, o quadro da terrível viagem marinha.

O Marinheiro está amaldiçoado por ter matado a ave amistosa, o albatroz, que seguia o navio, em dias de melhor tempo.

Numa cena realmente terrível, o navio, com as suas velas esfarrapadas e o seu convés devastado, é navegado pelos mortos da tripulação, reanimados com um vigor tremendo, dessacrados e desmembrados, enquanto o navio avança para a terra do gelo e da neve.

Ele violou a vida, pensei, na altura e agora. Mas o que é a vida? O corpo morto? A mente destruída? A ruína da Natureza? A morte é natural. O declínio é inevitável. Não há vida nova sem morte. Não pode haver morte sem vida.

Os Mortos. Os Mortos-vivos.

A lua estava agora encoberta. Nuvens de chuva regressaram rapidamente ao céu límpido.

Se um cadáver voltasse à vida, estaria vivo?

Se as portas das casas mortuárias se abrissem e nós, mortos, des-pertássemos... então...

Tenho os pensamentos febris. Mal reconheço a minha mente, esta noite.

\*

*Algo que não compreendo se move na minha alma.*

O que me assusta mais? Os mortos, os mortos-vivos, ou, pensamento mais estranho ainda... aquilo que nunca viveu?

Voltei-me para o contemplar, adormecido, imóvel, mas vivo. O corpo adormecido é um conforto, embora imite a morte. Se ele morresse, como poderia eu viver?

O Shelley também foi visita lá de casa; foi assim que o conheci. Tinha 16 anos. Ele tinha 21. Era um homem casado.

Não era um casamento feliz. Acerca da mulher, Harriet, escreveu: *sentia-me como se um corpo morto e um corpo vivo se tivessem interligado numa comunhão desprezível e horrenda.*

Foi numa noite em que caminhou mais de 60 quilómetros até casa do pai – nessa noite, nesse estado de transe onírico, acreditou que *já conheceria a mulher destinada a ser minha.*

Conhecemo-nos pouco depois.

Quando terminava os meus afazeres domésticos, era meu costume sair discretamente de casa para visitar a campa da minha mãe no cemitério de St. Pancras. Ali, dedicava-me à leitura, encostada à sua lápide. Pouco depois, o Shelley começou a encontrar-se comigo em segredo; a minha mãe dava-nos a sua bênção, acredito, enquanto, sentados um de cada lado da sepultura, falávamos de poesia e revolução. Os poetas são os legisladores não reconhecidos da vida, disse ele.

Costumava pensar nela, lá em baixo, no seu caixão. Nunca pensei nela decomposta, mas viva, tal como está nos seus desenhos a

lápiz, e mais viva ainda na sua escrita. Mesmo assim, queria estar perto do corpo dela. O seu pobre corpo já não lhe servia de nada, agora. E sentia, e tenho a certeza que o Shelley também o sentia, que estávamos ali os três, na sepultura. Havia nisso um conforto, e não era o de Deus ou o do céu, mas o de ela estar viva para nós.

Amei-o por ele ma trazer de volta. Ele não era mórbido nem sentimental. Repouso eterno. Ele é o meu repouso.

Sabia que o meu pai protegera o corpo dela dos ladrões que roubam qualquer cadáver que consigam para ganhar dinheiro, e o que eles fazem até é racional – de que serve o corpo quando não serve para nada?

Em teatros anatómicos por toda a cidade de Londres estão corpos de mães, corpos de maridos, corpos de crianças, como o meu bebé, levados para ali por causa do fígado e do baço, para lhes esmagarmos o crânio, lhes serrarmos os ossos, lhes deslindarmos os quilómetros secretos de intestino.

*A morte dos mortos*, disse Polidori, não é o que tememos. Na verdade, o que tememos é que eles não estejam mortos quando os deitamos no seu leito derradeiro. Que despertem na escuridão, na asfixia, que morram em agonia. Vi essa agonia nos rostos de alguns recém-enterrados que nos traziam para dissecar.

Não tem consciência? disse eu. Não tem escrúpulos?

Não tem interesse no futuro? disse ele. A luz da ciência arde mais clara num pavio ensopado em sangue.

\*

Acima de mim, o céu fendia-se numa luz bifurcada. Por um breve segundo, o corpo elétrico de um homem pareceu estar iluminado, e depois caiu a escuridão. Trovões sobre o lago e, depois, uma vez mais, o zigue e o zague amarelos da força elétrica. Da janela, vi uma sombra poderosa cair como um guerreiro ferido de morte. A força da queda fez estremecer a janela. Sim. Estou a ver. Uma árvore atingida por um raio.

Depois, a chuva, uma vez mais, como um milhão de percussionistas em miniatura a percutir.

O meu marido mexeu-se, mas não despertou. Ao longe, o hotel apareceu, por um instante, deserto, com as janelas escuras e a fachada branca, como o palácio dos mortos.

*Alheias sombras aos milhões convocas*

Devo ter voltado para a cama, porque voltei a acordar, e sentei-me, de cabelo solto, com a mão a agarrar a cortina da cama.

Tinha sonhado. Teria sonhado?

Vi um pálido estudante das artes profanas de joelhos ao lado da criatura que construía. Vi o fantasma horrendo de um homem estendido, e depois, graças à operação de um poderoso motor, dar sinais de vida, e estremecer com um movimento incerto, semi-vital.

Este sucesso aterrorizaria o artista, que fugiria, horrorizado, da sua obra hedionda. Esperaria que, abandonada, a ligeira centelha de vida que comunicara se dissipasse; que a criatura que recebera um animismo tão imperfeito se subsumisse em matéria morta, e que ele pudesse adormecer com a crença de que o silêncio da sepultura extinguiria para sempre a existência temporária do horrendo cadáver que considerara como berço da vida. Dorme, mas algo o desperta; ele abre os olhos, vede, a criatura horrível está de pé ao lado da sua cama, abrindo as cortinas, fixando-o com olhos amarelos, aguados, mas especulativos.

Eu abri os meus, em terror.

Na manhã seguinte anunciei que *me ocorrera uma história*.

História:  
uma série de acontecimentos interligados,  
reais ou imaginados. Imaginados ou reais.

Imaginados

E

Reais

*A realidade amolece com o calor.*

Estou a olhar, através do tremor das ondas de calor, para edifícios cujas certezas sólidas vibram como ondas sonoras.

O avião está a aterrar. Vê-se um cartaz:

*Bem-vindos a Memphis, Tennessee.*

Vim para a Tec-X-Po global de Robótica.

Nome?

Ry Shelley.

Expositor? Demonstrador? Comprador?

Imprensa.

Sim, tenho-o aqui, Sr. Shelley.

É Dr. Shelley. Da Wellcome Trust.

É médico?

Sou. Estou aqui para perceber de que forma os robôs afetarão a nossa saúde mental e física.

Boa pergunta, Dr. Shelley. E não nos podemos esquecer da Alma.

Não sei se essa será a minha área...

Todos temos uma Alma. Aleluia. Então, quem veio entrevistar?

Ron Lord.

(Breve pausa para encontrar Ron Lord nas bases de dados.)

Sim. Cá está. Expositor Classe A. O Sr. Lord está à sua espera na Suite dos Futuros para Adultos. Aqui tem um mapa. O meu nome é Claire. Vou ser o seu contacto para o dia de hoje.

Claire era alta, negra, bonita, bem-vestida, com uma saia verde-escura de bom corte e uma camisa de seda verde-clara. Fiquei contente por ela ser o meu contacto para o dia.

Claire escreveu o meu nome no crachá rapidamente com a sua mão bem tratada. Escrever à mão – um método estranhamente antiquado e comovente de identificação numa exposição tecnológica futurista.

Claire – desculpe – o meu nome – não é Ryan, é Ry.

Peço desculpa, Dr. Shelley, não estou familiarizada com os nomes ingleses – o doutor é inglês?

Sou, sim.

Que sotaque tão giro. (Sorriso. Ela sorri.)

É a sua primeira vez em Memphis?

É, sim.

Gosta de B.B. King? Johnny Cash? E do Rei?

Martin Luther King?

Bem, doutor, na verdade estava a falar de Elvis – mas agora que me chamou a atenção para isso, é verdade que temos uma data de Kings por cá – talvez tenha a ver com a cidade se chamar Memphis – acho que quando se dá a uma cidade o nome da capital do Egipto, acaba-se por ter faraós, não é?

Nomear é um poder, digo-lhe.

Ah pois é. A tarefa de Adão no Jardim do éden.

Sim, deu nome a todos os seres vivos. *Sexbot*...

Como disse, doutor?

Acha que Adão teria pensado nisso? Cão, gato, serpente, figueira, *sexbot*?

Fico feliz por ele não ter tido de o fazer, Dr. Shelley.

Sim, se calhar tem razão. Então diga-me lá, Claire, porque é que chamaram Memphis a esta cidade?

Em 1819? Quando foi fundada?

*Enquanto ela fala, vejo, na minha mente, uma jovem a olhar por uma janela encharcada para um lago.*

Digo a Claire, Sim, em 1918. *Frankenstein* tinha um ano de idade.

Ela franze o sobrolho. Não percebo, doutor.

O romance *Frankenstein* – foi publicado em 1818.

O tipo com os parafusos no pescoço?

Mais ou menos...

Vi a série na televisão.

É por isso que aqui estamos, hoje. (Claire fez uma expressão confusa, por isso expliquei.) Não quero dizer que estamos aqui por isso no sentido existencial – quero dizer, a Tec-X-Po está cá hoje por isso. Em Memphis. É o tipo de coisa de que os organizadores gostam: uma ligação entre uma cidade e uma ideia. Memphis e *Frankenstein* têm ambos 200 anos.

E o que quer dizer com isso?

Tecnologia. IA. Inteligência artificial. *Frankenstein* foi uma visão de como poderíamos criar vida – a primeira inteligência não-humana.

Então e os anjos? (Claire olha para mim, séria e segura. Hesito... O que quer ela dizer?)

Anjos?

Sim. Os anjos são uma inteligência não-humana.

Ah, estou a perceber. Queria dizer, a primeira inteligência não-humana criada por um ser humano.

Já fui visitada por um anjo, Dr. Shelley.

Isso é maravilhoso, Claire.

Sou contra o Homem fazer de Deus.

Compreendo. Não a ofendi, pois não, Claire?

Ela abanou a cabeça, com o seu cabelo brilhante, e apontou para o mapa da cidade. Perguntou-me por que lhe deram o nome de Memphis, em 1819 – e a resposta é porque estamos na margem de um rio – o Mississipi – e a antiga Memphis ficava na margem do rio Nilo – já viu a Elizabeth Taylor a fazer de Cleópatra?

Vi, sim.

Sabe que ela usou as suas próprias joias? Imagine!

(Imaginei.)

Sim, as joias eram todas dela, e a maior parte foram oferecidas pelo Richard Burton. Ele era inglês.

Galês.

Onde fica o país de Gales?

No Reino Unido, mas não em Inglaterra.

Acho isso confuso.

O Reino Unido é composto pela Inglaterra, a Escócia, uma parte da Irlanda e o País de Gales.

Estou a ver... muito bem. Bom. Não tenciono lá ir em breve, por isso não tenho de me preocupar em me orientar. Então, está a ver aqui no mapa, aqui onde estamos agora? Também é o delta do rio, como a região do Nilo à volta da primeira Memphis.

Já foi ao Egipto?

Não, mas já fui a Vegas. Muito realista. Muito egípcia.

Ouvi dizer que há lá uma esfinge animatrónica.

Há, sim.

É o que se poderia chamar um robô.

Poderia. Mas eu não chamo.

Sabe tudo sobre este lugar? Sobre a sua Memphis?

Gosto de pensar que sim, Dr. Shelley. Se se interessa por Martin Luther King, deveria visitar o Museu Nacional dos Direitos Civis, que fica na zona do antigo Motel Lorraine, onde ele foi assassinado. Já lá foi?

Ainda não.

Mas a Graceland já foi, não?

Ainda não.

A Beale Street? Berço dos Blues de Memphis?

Ainda não.

Tem uma data de Ainda Nãos na sua vida, Dr. Shelley.

Ela tem razão. Sou liminar, da berma, indeterminado, emergente, indecيدido, transitório, experimental, uma *start-up* (ou será falso começo?) da minha própria vida.

Disse, Uma vida só não chega...

Ela acenou a cabeça. Hã-hã. É mesmo, né? É mesmo. Mas não se preocupe. Lá mais além espera-nos a vida sem fim.

O olhar de Claire, com um brilho de certeza, perdeu-se na lonjura. Perguntou-me se eu gostaria de ir com ela à igreja, no domingo. Uma igreja a sério, disse ela, e não uma farsa de gente branca.

Um tinido no seu auricular transmitiu uma instrução que não consegui ouvir. Afastou-se de mim para fazer um anúncio pelo intercomunicador.

Os meus pensamentos andaram em torno da diferença entre o desejo por uma vida sem fim e o desejo por mais do que uma vida, ou seja, várias vidas, mas vividas em simultâneo.

Eu podia ser eu e eu também. Se me conseguisse copiar – fazer *upload* da minha mente e uma impressão 3D do meu corpo, então um Ry podia estar em Graceland, outro Ry no memorial a Martin Luther King, e um terceiro Ry a tocar Blues em Beale Street. Mais tarde, todos os meus eus se poderiam encontrar, falar acerca do dia que tiveram e reagrupar-se no eu original que gosto de pensar ser eu.

*Qual é a substância de que és feito  
Que alheias sombras aos milhões convocas?*

Claire voltou-se para mim, a sorrir. Eu disse, mais para mim mesmo, *Não quero viver para sempre.*

Como disse? Ela inclinou-se para a frente, a franzir o sobrolho. Disse, Vida sem fim. Não quero viver para sempre.

Claire acenou com a cabeça e levantou uma das suas sobrance-lhas perfeitas.

Hã-hã. Eu vou estar com Jesus, mas o doutor faça como entender. Obrigado, Claire. Já deu uma volta pela expo?

Sou organizadora, e não uma hospedeira, por isso não me é exigido conhecer em detalhe os eventos que têm lugar aqui.

Viu alguns dos robôs?

Há robôs a servir no café. Não é uma boa experiência.

Porquê, Claire?

Eles trazem-lhe os ovos, e quando você diz, Desculpe! Olhe! Eu não pedi com tomate! eles dizem, Muito obrigada, minha senhora.

Tenha um bom dia! E vão-se embora a deslizar até à fonte. Deslizam porque ainda não conseguem andar.

Não, ainda não conseguem andar. Andar é difícil, para os robôs. Mas tenha paciência, Claire, e lembre-se: os robôs tem dificuldade em processar o inesperado.

Claire olhou para mim como se eu tivesse necessidades educativas especiais.

Chama inesperado a um tomate?

Não é o tomate – é a sua reação ao tomate.

Claire abanou a cabeça. Sabe, doutor, a minha mãe trabalhou a vida toda no turno da noite de um restaurante que ficava aberto até tarde. Das seis da noite às seis da manhã para alimentar a família. Conseguia correr com os bêbedos com uma mão e, com a outra, servir mais uma dose a umas crianças com fome. Não tinha muitos estudos, mas a inteligência dela não tinha nada de artificial.

É uma forma de ver as coisas, disse eu. Respeito-a.

Eu nem devia estar aqui, disse Claire. Estou a dar apoio de urgência. Fui cedida pelo Campeonato Mundial de Barbecue.

Uau! Um campeã de barbecue!

Sim, disse Claire, imparável. Recebemos mais de 100 000 visitantes por ano aqui em Memphis para o campeonato – é um grande evento de barbecue – não sabia?

Não, não sabia.

Comecei nos molhos – era responsável pelo *Wrestling* do Molho – são 150 litros de molho de *barbecue* numa cuba e toca a entrar. Sim! A entrar! Para fazer luta livre! É muito sujo, mas é divertido.

Claire, já alguma vez fez luta livre numa cuba cheia de molho?

Eu? Não, Dr. Shelley.

Mas é campeã!

Não! Organizo o concurso.

Ah. Estou a ver. (Pausa.) É saboroso? O molho?

Claro que é! Demora semanas a tirar o sabor da pele, e não há cão que não o siga. Seja cão de quatro patas ou de duas pernas,

se é que me entende. Organizo o evento todo, agora – todo. Patrocínios, demonstrações, jogos, prêmios.

Isso é muito bom, Claire.

É, sim senhor. Sou especialista no meu campo.

Parece mesmo uma especialista. Talvez seja da forma como arranja o cabelo. Tem um ar muito profissional, o seu cabelo.

Obrigada, Dr. Shelley. Tem mais alguma pergunta?

Gostava de dar uma volta à exposição comigo? Podia ficar a gostar mais dela. Posso explicar-lhe algumas coisas. Sei algumas sobre – (não o amor) – robótica.

Sou cristã, Dr. Shelley.

Não há nada na Bíblia contra robôs.

Na Bíblia diz não farás para ti imagem esculpida. É um dos Dez Mandamentos.

Um robô é uma imagem de escultura, Claire?

É vagamente semelhante a um ser humano criado por Deus.

Uma semelhança que ganha vida?

Não lhe chamaria vida. Estamos a enganar-nos a nós mesmos se dizemos que um robô é um ser vivo. Só Deus pode criar vida.

Claire, tem certeza?

Não quero arriscar, Dr. Shelley. Tenho de pensar na minha eternidade.

Isso é que é pensar a longo prazo...

É, sim senhor.

Uma jovem de calças de cabedal justas e um grande casaco de pele de gamo, com franjas, veio a correr para o balcão, interrompendo sem sequer perceber que estava a interromper.

Disse, Estou à procura dos Vibradores Inteligentes. Onde estão?

Claire respirou fundo antes de responder. A senhora é expositora, demonstradora ou compradora?

É uma emergência!

Que tipo de emergência?

A mulher estremeceu, dentro do seu cabedal e sob a sua pele de gamo, enquanto explicava, Postei acidentalmente umas fotografias minhas, quase todas nua, só com duas borlas nos mamilos, a usar o Vibrador Inteligente, na minha página de Facebook.

Isso não foi muito inteligente, disse eu.

A mulher lançou-me um olhar furioso.

É uma violação de privacidade! Tenho de falar com o demonstrador do *stand*. Foi lá que me mostraram como usar a câmara do vibrador. Sabia que tinha controlo remoto. Não me disseram que ia fazer *upload* remoto para a minha *app* pré-definida se não o reiniciasse.

Claire cerrou os lábios e foi até ao ecrã. Vi os seus dedos impecáveis a digitar Vibrador Inteligente. Perguntei à mulher – porque precisava de saber – porque é que alguém havia de querer um vibrador com uma câmara e um controlo remoto?

Ela olhou para mim com uma mistura de raiva e desprezo. Disse, Teledildónica.

Perdão?

Ela disse, Nunca ouviu *falar* de teledildónica?

Infelizmente, não. Mas sou britânico.

Levantou o tipo de sobranceira que queria dizer: *Mas que raio é que estás aqui a fazer, meu?*

Suspiro. (Profundamente.) Disse, A ideia, a *ideia*, é brincar com o parceiro sexual, ou parceiros sexuais, a partir de diferentes locais. É como se eles estivessem no quarto a – a fazer-lhe coisas.

Ah é?

É sim. E pode partilhar as fotos.

Com todos os amigos do Facebook?

Olhe, isto não é nada consigo, OK?

É um bocado tarde para estar a pedir privacidade.

Pensei que ela me ia bater. Felizmente, Claire voltou a entrar em jogo.

O seu nome, menina?

Polly D. Só a inicial D. Estou na lista.

Não temos lista, minha senhora.

A lista VIP. Sou da *Vanity Fair*.

Não temos lista VIP, menina D. Já mandei uma mensagem à empresa. Um representante da **IN-VIBE** está a vir agora mesmo.

Haha – bom trocadilho, Claire, disse eu.

Agora era Claire que me estava a lançar um olhar furioso. Cruzou os braços de uma forma que parecia dizer adeus-e-até-nunca.

Tenho de trabalhar, Dr. Shelley, e imagino que o doutor também. A Suite dos Futuros para Adultos fica à sua esquerda, e está assinalada.

Ele faz porno? disse Polly D. Quer dizer, claramente não é um médico a sério. É tipo quê? Uma espécie de Dr. Punheta?

Ignorei-a. Obrigado pela sua ajuda, Claire. Boa sorte, Polly.

Voltei-me e ouvi:

*Palhaço!*

A caminho da Suite dos Futuros para Adultos, passei pela Suite da Singularidade. Num ecrã gigante está a passar uma entrevista com Elon Musk e Ray Kurzweil a falarem da Singularidade – o momento em que a IA vai mudar a forma como vivemos, para sempre. Uns jovens estão a usar *t-shirts* com o slogan «Diz não à Carne».

Não que o futuro seja vegetariano – é só que acreditam que muito em breve a mente humana – as nossas mentes – já não vão precisar de estar presas a um corpo que é um substrato feito de carne.

Mas por enquanto ainda somos humanos, demasiado humanos (uma expressão estranha, se pensarmos bem) e oitenta por cento de todo o tráfego da internet é pornografia. As primeiras formas de vida não-biológicas a partilhar os nossos lares não serão empregados de mesa com problemas de reconhecimento de tomates, nem ETs fofinhos para os miúdos. Vamos começar pelo princípio, que é um bom sítio para começar. Sexo.

Um tipo a acenar dois telefones, de auricular, manda-me entrar na Suite dos Futuros para Adultos. Tem o corpo e a constituição de um porteiro de discoteca: peito largo, peso a mais, pernas curtas, braços grossos, sua num fato amarrotado. Há filas de latas de coca-cola na mesinha de café, em frente ao sofá. Ron Lord abre mais duas e passa-me uma.

Estamos bem longe de Three Cocks, né, Ryan?

Perdão?

Three Cocks. A aldeia no País de Gales em que dei início ao futuro.

É uma afirmação audaz, Ron.

O meu pensamento é audaz, Ryan. Google Maps. Vê por ti. Three Cocks. A minha mãe é um bocado médium. Disse que era um sinal. Foi em Three Cocks que construí a minha primeira *sexbot*. Enviaram-me a boneca pelo correio. As partes chegaram em separado, como se viessem de um massacre de motosserra. Montei-a com uma chave de parafusos e o vídeo de instruções. No fundo, é Lego para adultos.

Sabia que tinhas começado por baixo, disse a Ron.

Sim, foi pelas partes baixas dela que comecei, disse Ron.

Sentada no sofá estava uma boneca à escala humana, com cabelo castanho suave que chegava aos ombros. Estava vestida toda de ganga, calções e um casaco, e sob o casaco tinha um top cor-de-rosa esticado sobre seios do tamanho de bóias de salvação.

É ela? A tua primeira?

Respeitinho, Ryan! A minha primeira está reformada. Nem sequer era da gama comercial. Ainda a tenho e gosto muito dela, mas agora é arquivo. Esta aqui faz parte da gama de licenças.

Olha só! Estás pronto? Filma com o telefone! A sério!

Ron levanta a boneca do sofá e aponta para um tapete rosa-choque debaixo dela. O tapete diz RATA.

Lago de Genebra, verão de 1816: Mary Wollstonecraft Shelley, de 19 anos, termina o rascunho do seu primeiro romance, um livro sobre um cientista atormentado, de nome Frankenstein, que consegue criar uma nova criatura: um monstro que se rebela e procura vingar-se do seu próprio criador.

Reino Unido, pós-Brexit: Ry Shelley, um jovem médico transgénero, apaixona-se por Victor Stein, investigador proeminente na área da Inteligência Artificial, acabando por assisti-lo nas experiências secretas que este conduz numa vasta rede de túneis subterrâneos. Porém, o impacto das declarações públicas de Stein, assim como a forte suspeita de que as suas ideias podem estar em vias de revolucionar o mundo, despertam o interesse de um curioso grupo de personagens: Ron Lord, empresário recém-divorciado que pretende, a todo o custo, criar uma nova gama de *sex dolls*, Polly D, uma jornalista determinada em encontrar o seu «furo», e Claire, uma cristã evangélica que vê no trabalho de Stein muito potencial religioso.

Provocador, divertido e profundamente atual, *Frankisstein* parte do clássico universal de Mary Shelley para nos confrontar com os limites da ciência, dos desejos e, em última instância, daquilo que nos torna humanos.

«Uma das escritoras mais talentosas da atualidade.»

*The New York Times*

«Não é possível ter melhor guia para o nosso mundo em transformação do que Winterson.»

*Prospect Magazine*

**ELSINORE**

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-666-662-8



9 789896 686628

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO [WWW.ELSINORE.PT](http://WWW.ELSINORE.PT)